

A COMUNIDADE DE ROMA

A universalidade da salvação e a síntese do Evangelho paulino

INTRODUÇÃO

Roma era a capital do Império Romano e encontrava-se no centro político, cultural e econômico do mundo mediterrâneo. A partir dessa cidade irradiavam-se as decisões administrativas que influenciavam povos e regiões espalhados por três continentes.

Foi nesse ambiente de extraordinária diversidade humana que surgiu uma das mais importantes comunidades do cristianismo primitivo. Formada por judeus e gentios convertidos à fé em Cristo, a Igreja de Roma tornou-se um exemplo concreto da universalidade do Evangelho. Ao mesmo tempo, sua própria composição social e cultural suscitava desafios pastorais e teológicos que exigiam aprofundamento doutrinal e discernimento eclesial.

A principal fonte para o conhecimento dessa comunidade é a Carta aos Romanos, escrita pelo Apóstolo Paulo por volta dos anos 57–58 d.C. Considerada por muitos estudiosos a mais importante de suas epístolas, ela constitui uma verdadeira síntese da teologia paulina. Nela encontram-se desenvolvidos temas centrais da fé cristã, como o pecado, a graça, a justificação, a redenção, a ação do Espírito Santo, a unidade da Igreja e a universalidade da salvação.

O estudo da comunidade de Roma e da Carta aos Romanos permite compreender de modo privilegiado como a Igreja primitiva refletiu sobre a obra redentora de Cristo e sobre a participação de todos os povos no plano salvífico de Deus.

1. ROMA, CAPITAL DO IMPÉRIO

No século I, Roma era a maior cidade do mundo conhecido. Capital do vasto Império Romano, concentrava o poder político, militar e econômico de uma região que se estendia da Britânia ao Oriente Médio e do norte da África à Europa Central.

Estima-se que sua população alcançasse cerca de um milhão de habitantes. Essa dimensão fazia dela uma verdadeira metrópole multicultural. Povos provenientes das mais diversas regiões do império conviviam em suas ruas, trazendo consigo costumes, idiomas, tradições religiosas e formas distintas de organização social.

A estrutura social era igualmente diversificada. Senadores, cavaleiros, comerciantes, artesãos, escravos e libertos conviviam em um mesmo espaço urbano. Enquanto as famílias mais ricas habitavam amplas residências conhecidas como *domus*, a maior parte da população vivia em edifícios coletivos chamados *insulae*.

Do ponto de vista religioso, Roma reunia uma impressionante variedade de cultos. Além da religião tradicional romana e do culto imperial, encontravam-se numerosos cultos orientais e comunidades judaicas estabelecidas na cidade havia várias gerações.

Esse contexto de pluralidade cultural e religiosa favoreceu a rápida difusão do cristianismo e ajudou a moldar a identidade da futura comunidade cristã romana.

2. A FORMAÇÃO DA COMUNIDADE CRISTÃ ROMANA

O Novo Testamento não informa quem fundou a Igreja de Roma. Diferentemente de Corinto, Filipos ou Tessalônica, sua origem não está diretamente ligada à atividade missionária de Paulo.

Uma hipótese tradicional sustenta que alguns dos judeus presentes em Jerusalém no dia de Pentecostes tenham retornado à capital do Império levando consigo a fé cristã. O livro dos Atos menciona explicitamente a presença de peregrinos romanos entre aqueles que ouviram a pregação apostólica: “Partos, medos e elamitas... romanos aqui residentes, tanto judeus como prosélitos” (At 2,9-10).

Tudo indica que a comunidade surgiu muito cedo e se desenvolveu gradualmente por meio da ação missionária de cristãos anônimos. Desde o início, sua composição foi marcada pela diversidade. Havia judeus convertidos ao cristianismo e também numerosos gentios provenientes do paganismo. Essa convivência enriquecia a vida da comunidade, mas também gerava tensões relacionadas à interpretação

da Lei mosaica, às práticas alimentares e às tradições religiosas judaicas.

Um acontecimento importante para compreender a situação da Igreja romana foi o decreto do imperador Cláudio, que expulsou muitos judeus da cidade por volta do ano 49 d.C. (cf. At 18,2). Durante esse período, a comunidade cristã passou a contar com uma presença relativamente maior de convertidos gentios.

Quando os judeus retornaram posteriormente a Roma, encontraram uma Igreja que havia se desenvolvido em sua ausência. Essa nova realidade contribuiu para o surgimento de algumas das tensões que aparecem refletidas na Carta aos Romanos.

3. DIVERSIDADE CULTURAL E DESAFIOS ECLESIAIS

Uma das características mais marcantes da comunidade romana era sua diversidade. Cristãos de origem judaica continuavam valorizando elementos importantes de sua tradição religiosa, como a observância de determinadas prescrições alimentares e a memória das promessas feitas por Deus a Israel. Por outro lado, os convertidos provenientes do paganismo não possuíam essa herança religiosa e cultural.

Essa situação criava o risco de divisões internas. Alguns poderiam considerar a tradição judaica como condição necessária para uma vida cristã autêntica; outros poderiam desprezar a história de Israel e as raízes veterotestamentárias da fé.

A Carta aos Romanos procura enfrentar precisamente esse desafio. Ao longo de toda a epístola, percebe-se a preocupação em mostrar que judeus e gentios participam igualmente do mesmo plano salvífico de Deus.

A unidade da Igreja não deveria fundamentar-se em critérios étnicos, culturais ou sociais, mas exclusivamente na obra redentora de Cristo. Essa convicção aparece de forma particularmente clara quando Paulo afirma: “Não há distinção entre judeu e grego, pois o mesmo Senhor é Senhor de todos” (Rm 10,12).

A comunidade de Roma tornava-se, assim, um sinal visível da universalidade do Evangelho e da capacidade da Igreja de reunir povos diferentes em uma mesma comunhão de fé.

4. A CARTA AOS ROMANOS

A Carta aos Romanos foi escrita provavelmente em Corinto, ao final da terceira viagem missionária, pouco antes da viagem de Paulo a Jerusalém (cf. Rm 15,25-26).

Diferentemente de outras epístolas paulinas, ela não foi motivada por uma crise específica nem por problemas disciplinares graves. Seu objetivo principal consistia em apresentar à comunidade romana uma exposição ampla e organizada da mensagem anunciada pelo Apóstolo.

Além disso, Paulo planejava ampliar sua missão para as regiões ocidentais do Império, particularmente para a Espanha: “Quando partir para a Espanha, espero visitar-vos de passagem” (Rm 15,24). A carta funciona, portanto, como uma apresentação oficial de seu ministério e de sua compreensão do Evangelho.

A tradição identifica Febe, diaconisa da Igreja de Cencréia, como a portadora da epístola (cf. Rm 16,1-2). Pela profundidade de seu conteúdo, Romanos tornou-se uma das obras mais influentes de toda a literatura cristã. Nela o Apóstolo desenvolve, de forma sistemática, os principais elementos da economia da salvação realizada em Cristo.

5. JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ E VIDA NOVA EM CRISTO

O tema central da Carta aos Romanos é a justificação. Paulo parte da constatação de que toda a humanidade necessita da redenção. Tanto judeus quanto gentios estão marcados pela realidade do pecado: “Todos pecaram e estão privados da glória de Deus” (Rm 3,23).

Nenhum ser humano é capaz de alcançar a salvação apenas por suas próprias forças. Por isso, Deus oferece gratuitamente sua graça por meio de Jesus Cristo: “São justificados gratuitamente por sua graça, em virtude da redenção realizada em Cristo Jesus” (Rm 3,24).

Na perspectiva católica, a justificação não consiste apenas numa declaração jurídica externa, mas numa verdadeira transformação interior operada pela graça divina. Pelo Batismo, o cristão participa da morte e da ressurreição de Cristo: “Fomos sepultados com ele pelo batismo na morte, para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos, também nós vivamos uma vida nova” (Rm 6,4).

Essa vida nova é sustentada pela ação do Espírito Santo, que habita nos fiéis e os conduz à comunhão com Deus: “Todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (Rm 8,14).

O oitavo capítulo da carta constitui um dos pontos culminantes da espiritualidade paulina. Nele encontra-se a certeza da vitória definitiva de Cristo e da inseparável união entre Deus e aqueles que vivem em sua graça: “Nada poderá separar-nos do amor de Deus manifestado em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8,39).

6. ISRAEL, OS GENTIOS E A UNIDADE DA IGREJA

Nos capítulos 9 a 11, Paulo enfrenta uma questão particularmente delicada: a situação de Israel diante do Evangelho. O Apóstolo contempla com sofrimento o fato de muitos de seus compatriotas não terem acolhido Jesus como Messias. Contudo, rejeita qualquer ideia de abandono definitivo do povo eleito. Pelo contrário, reafirma a fidelidade de Deus às promessas feitas aos patriarcas: “Os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis” (Rm 11,29).

Ao mesmo tempo, mostra que a entrada dos gentios na Igreja não representa uma substituição de Israel, mas faz parte do desígnio providencial de Deus para a salvação de toda a humanidade. Utilizando a imagem da oliveira, Paulo ensina que os cristãos provenientes do paganismo foram enxertados na mesma raiz santa das promessas feitas aos patriarcas (cf. Rm 11,17-24).

Essa reflexão possui grande importância para a teologia católica, pois evidencia a continuidade entre Antigo e Novo Testamento e manifesta a unidade do plano divino de salvação. A Igreja reconhece em Israel suas próprias raízes espirituais e contempla a história da salvação como um único desígnio conduzido por Deus ao longo dos séculos.

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

A comunidade cristã de Roma constitui um dos mais significativos testemunhos da universalidade do Evangelho na Igreja primitiva. Situada no centro do Império Romano, reunia pessoas provenientes de diferentes culturas, tradições e condições sociais, manifestando concretamente a vocação universal da Igreja.

A Carta aos Romanos oferece a mais completa exposição da teologia paulina e permanece como uma referência fundamental para a compreensão da fé cristã. Nela encontram-se apresentados os grandes temas da revelação neotestamentária: a universalidade do pecado, a gratuidade da graça, a justificação pela fé, a vida nova em Cristo, a ação do Espírito Santo e a esperança da glória futura.

Ao mesmo tempo, a reflexão sobre Israel e os gentios recorda que o plano de Deus abrange toda a humanidade. Em Cristo, as antigas promessas alcançam sua plenitude e tornam-se acessíveis a todos os povos.

Por sua profundidade doutrinal e riqueza espiritual, a Carta aos Romanos continua a iluminar a vida da Igreja. Sua mensagem convida os cristãos de todas as épocas a reconhecerem a centralidade da graça divina, a viverem a comunhão eclesial e a testemunharem a universalidade da salvação oferecida por Deus em Jesus Cristo.